



RACISMO

Preconceito está até nos coletivos

Pesquisa divulgada ontem, Dia Internacional contra a Discriminação Racial, aponta que uma em cada três pessoas negras foi vítima de segregação ao utilizar ônibus, trens ou metrô na rotina diária

» MARIA EDUARDA CARDIM
» GABRIELA CHABALGOITY*

Uma pesquisa do Instituto Locomotiva, divulgada ontem, data em que se celebrou o Dia Internacional contra a Discriminação Racial, apontou que uma em cada três pessoas negras já sofreu racismo ao utilizar os meios de transporte no dia a dia. Mas os atos de preconceito por causa da cor da pele não param por aí: entre os trabalhadores negros que atuam no setor, 65% dos entrevistados enfrentaram alguma situação de racismo durante o expediente.

Das violências sofridas, a população negra ouvida pelo levantamento relatou ter sido menosprezada (24%), abordada de maneira desrespeitosa (17%), sofrido agressões verbais e ter sido alvo de expressões racistas (14%). Foram ouvidas 1,2 mil pessoas e mais de mil profissionais do setor de transporte. A pesquisa foi encomendada pela Associação Brasileira de Mobilidade e Tecnologia (Amobitec) com o apoio da Uber, em parceria com o Instituto Identidade Brasil (ID-BR).

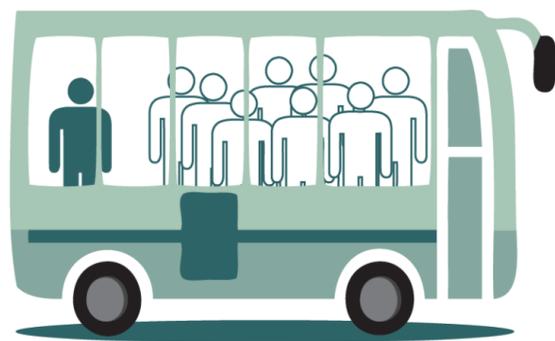
O especialista do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade de Brasília (UnB), Nelson Fernando Inocêncio da Silva, destaca que a violência contra a população negra continua sendo um desafio a ser enfrentado todos os dias.

“Precisamos produzir informação sobre a população negra. O racismo é fruto da ignorância, então temos que trabalhar com informação. Precisamos de formação na educação básica, formação nas universidades, formação dos trabalhadores e profissionais de segurança, que precisam aprender

Transporte: zona franca do preconceito

Uma em cada três pessoas negras já sofreu discriminação ao utilizar coletivos

Sobre situações de racismo em ônibus, trens ou metrô, as situações mais frequentes são de:



24%

Menosprezo;

17%

Abordagem de maneira desrespeitosa;

14%

Agressões verbais e/ou alvo de expressões racistas.

■ Dos trabalhadores negros que atuam no setor de transportes, **65%** dos entrevistados já enfrentaram algum episódio de racismo durante o expediente de trabalho.

Fontes: Associação Brasileira de Mobilidade e Tecnologia (Amobitec) com o apoio da Uber, em parceria com o Instituto Identidade Brasil (ID-BR).

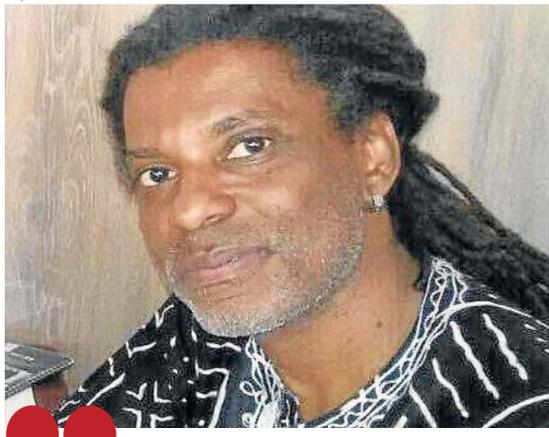
muito sobre a população negra, porque a forma hostil como habitualmente tratam essa parcela da sociedade, é fruto de ignorância e desconhecimento”, disse.

■ **72%** das pessoas dizem já ter presenciado alguma discriminação racial ao utilizar o transporte no dia a dia.

Doença

O Dia Internacional contra a Discriminação Racial é, na opinião de Nelson, fundamental para o entendimento de que a

Arquivo Pessoal



O racismo é tratado como tabu e impede que a gente assuma, de fato, quem somos. No Brasil, o racismo é uma doença social e precisamos reconhecer que estamos doentes.”

Nelson Fernando Inocêncio da Silva, especialista do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UnB

luta contra o racismo é universal, que deve ocorrer onde quer que se manifeste.

“Nossa sociedade ainda é muito refratária ao debate aberto da questão racial, com muitas reservas, de modo que isso dificulta o processo. O racismo é tratado como tabu e impede que a gente assuma, de fato, quem somos. No Brasil, o racismo é uma doença social e precisamos reconhecer que estamos doentes. A violência racial é histórica no país e não reconhecer isso é uma profunda alienação”, lamentou.

O advogado e professor de Direito Penal e mestre em

Direito das Relações Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), Leonardo Pantaleão, ressalta que qualquer pessoa pode comunicar a ocorrência de crimes de racismo. “A legislação brasileira, inclusive, caminha nesse sentido, tendo recentemente criado a figura do ‘informante do bem’. A atuação de terceiros contribui para que o Estado imponha o seu direito de punir o agente criminoso, mitigando, cada vez mais, tais práticas”, salientou.

*Estagiária sob a supervisão de Fabio Grecchi

PETRÓPOLIS

Nova chuva mata cinco, 33 dias após 1ª tragédia

Cinco pessoas morreram em Petrópolis, na Região Serrana do Rio de Janeiro, por causa dos novos temporais que atingiram a cidade, no último domingo. Os bombeiros resgataram uma pessoa com vida e há quatro desaparecidas. As novas chuvas ocorreram 33 dias depois de as tempestades terem feito, em fevereiro, 233 óbitos.

A cidade sequer conseguiu se recuperar dos estragos do mês passado. Novamente o Morro da Oficina, no Alto da Serra — localidade mais afetada na chuva anterior, onde houve mais de 80 óbitos —, foi o mais atingido e registrou duas mortes. Outras duas ocorreram na Rua Washington Luiz, uma das principais do centro de Petrópolis. Houve ainda uma vítima fatal na Rua Pinto Ferreira, no bairro Valparaíso.

O domingo apresentou o acumulado pluviométrico de 534,6 milímetros, o maior índice registrado na história de Petrópolis. Em 10 horas, choveu 415 milímetros somente na localidade de São Sebastião, e aproximadamente 570 pessoas foram atendidas em pontos de apoio. Os outros bairros com grande registro de chuvas foram Coronel Veiga, com 375,2 milímetros; Dr. Thouzet, com 363,8; e Vila Felipe, com 337,4.

Vídeos publicados nas redes sociais mostraram o novo estrago na cidade. Entre as regiões mais afetadas pela tempestade estão: Alto da Serra, Vila Felipe, São Sebastião, Quitandinha, Castelânea, Chácara Flora, Centro, Quissamã, Morin, Independência, Mosela, Siméria, Camambu, Coronel Veiga, Estrada da Saudade, Saldanha Marinho, Vila Militar, Bingen, Carangola, Floresta, Itaipava, Provisória, Quarteirão Brasileiro e Valparaíso.

O governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro (PL), este com o prefeito Rubens Bomtempo para, novamente, se comprometer com ajuda financeira e material. O estado liberou aproximadamente R\$ 200 milhões para obras emergenciais na cidade. Castro disse, ainda, que desde domingo 150 bombeiros estão trabalhando no município.

Todas as sirenes foram acionadas para o toque de mobilização e, enquanto houver chuva, continuarão sinalizando o risco de desabamento. A recomendação é que, em caso de emergência, a população seja direcionada aos locais de acolhimento, onde permanecerá até que a tempestade cesse. Segundo a Defesa Civil do município, 13 estruturas — a maior parte delas em escolas da rede pública — estão preparadas para receber os moradores de áreas de risco.

Trauma profundo

Em 15 de fevereiro, uma forte tempestade provocou o deslizamento de encostas e casas, matando 233 pessoas, na maior tragédia ocorrida na cidade. Desde então ainda há quatro pessoas desaparecidas e mais de 700 desabrigadas. Naquele dia, em seis horas, foram registrados 259 milímetros de chuva, mais do que o esperado para todo o mês.

As novas mortes chegam em um momento em que os moradores da cidade buscavam retomar a rotina em meio ao trauma. Era o caso da auxiliar de serviços gerais Viviane de Souza Ribeiro, de 42 anos, que perdeu quatro parentes e teve a sua casa atingida pela lama.

INCLUSÃO SOCIAL

Cadastro facilita vida da pessoa com deficiência

O governo federal lançou, ontem, o Cadastro-Inclusão, ferramenta que reunirá em uma única base de dados todas as pessoas com deficiência para facilitar-lhes o acesso a benefícios. Representa que o cidadão não precisará mais reunir diversos documentos para ter acesso a políticas públicas. A certidão estará disponível, a partir de hoje, por meio do aplicativo *Meu INSS*.

O objetivo do cadastro é armazenar informações de pessoas com deficiência, de todo o país, para reduzir a burocracia no requerimento de direitos — como o Benefício de Prestação Continuada (BPC) ou atestados para concursos públicos. Segundo o secretário nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, Cláudio de Castro Panoeiro, “as pessoas com deficiência não precisarão peregrinar por diferentes repartições para reunir documentos e comprovar a sua condição”.

Redução de barreiras

Estima-se que os dados de aproximadamente 17,3 milhões de pessoas com deficiência passem a compor a plataforma. A ministra da Mulher, da Família e

dos Direitos Humanos, Damares Alves, explicou que, antes do Cadastro-Inclusão, para cada política que se quisesse ter acesso, a pessoa era obrigada a se submeter a avaliações diferentes.

“Nosso objetivo é diminuir as barreiras e facilitar a vida dessas pessoas. Vocês que moram na cidade não entendem a importância disso. Já pensou em uma pessoa que mora em Melgaço, na Ilha do Marajó, a três dias de barco para chegar até Belém, que mora no final da Amazônia? Nós temos cidades que são sete dias de barco até a capital. Ela vai poder ter seu cadastro dessa forma (no celular)”, explicou a ministra. A ferramenta foi desenvolvida conjuntamente pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), a Dataprev e o Ministério da Economia.

Em outra frente, para aperfeiçoar a criação de políticas públicas, foi lançado, também, o Sistema Nacional de Informações sobre Deficiência (Sisdef). Trata-se de um painel com indicadores para o monitoramento de políticas para pessoas com deficiência.

Panoeiro explicou que “a partir das informações do Sisdef será possível identificar, por exemplo, quantas pessoas com deficiência

Marcos Correa/PR



Segundo Panoeiro, quem tem deficiência deixará de peregrinar por repartições atrás de documentos

estão matriculadas nas escolas e, a partir daí, desenhar as políticas públicas de forma científica e responsável”.

Junto com o Cadastro-Inclusão e o Sisdef, lançado na

mesma data em que se celebra o Dia Internacional da Síndrome de Down, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos estabeleceu um protocolo de

intenções com a Associação Brasileira de Supermercados (Abbras) para fomentar a empregabilidade da pessoa com deficiência. (MEC com Agência Brasil)